



## Vinhos

# Adelaide, um tinto de grande classe

A Quinta do Vallado apresentou o seu ex-líbris. Um vinho feito de vinhas velhas que entra directamente na lista dos melhores tintos produzidos em Portugal, considera **Manuel Carvalho**

Entre as vinhas do Vallado que sobem a encosta na margem esquerda junto à foz do rio Corgo é possível descobrir ainda cepas de aparência enigmática. Mais grossas, engelhadas, com a casca fragilmente colada ao dorso, essas cepas ligam o presente da quinta ao seu passado. Nasceram em grande parte ainda no século XIX e resistiram às doenças, ao tempo e às sucessivas reconversões e replantações feitas ao longo dos anos. Restam aproximadamente 12 hectares (ao todo, o Vallado tem 70 em produção) onde, como era hábito outrora, coexistem quase 50 castas. Entre este património, os responsáveis pela enologia e viticultura da quinta procuraram a excelência pé por pé e identificaram o hectare ideal para fazer o vinho supremo da empresa. Por estes dias, o resultado deste trabalho foi apresentado e o Adelaide 2005 da Quinta do Vallado ganhou de imediato o direito a ostentar o título de um dos melhores vinhos nacionais da presente geração.

Como se de uma síntese perfeita se tratasse, este vinho tinto tem um corpo denso e sedoso e uma estrutura de taninos de classe superior que resultam de uma maceração de quase 20 dias, um leque de aromas deslumbrante onde a deliciosa delicadeza da fruta se combina muito bem com as notas de madeira Tarrasaud, e um final de boca interminável. As baixas produções das vinhas velhas da quinta (cerca de 200 gramas de uvas por pé) oferecem sem dúvida a primeira explicação para a excelência deste vinho e obrigam-nos a olhar

com maior cepticismo para a intensa vaga de replantações durienses que surgiram depois do princípio dos anos de 1980 e a tentação crescente de reduzir o leque de castas ao número de dedos de uma mão. Feito com o saber e as experiências modernas (os seus primeiros responsáveis são Francisco Ferreira e Francisco "Xito" Olazabal, o mesmo do Meão), o Adelaide é a prova de que o passado é ainda uma das razões mais fortes para sustentar a grandeza dos vinhos do presente - como aliás acontece com todos os grandes Porto e Douro da actualidade.

As comparações entre grandes vinhos são sempre exercícios de fiabilidade e utilidade duvidosas, mas não parece exagerado dizer que o Adelaide concorre sem grandes dificuldades com os melhores. Robert Parker diz que é um dos cinco grandes tintos do Douro e Charles Metcalfe considera que está entre os dez melhores tintos do país. Para a Quinta do Vallado representa uma espécie de jóia da coroa da sua produção, a prova de que ali, a poucos quilómetros da Régua, se pode fazer um tinto de nível internacional. Foi, aliás, com esta solenidade que se escolheu o nome: Adelaide "é uma homenagem à nossa tetravó", Antónia Adelaide Ferreira, que adquiriu o Vallado em 1821, explica Francisco Ferreira. Foi com a homenagem na memória que se decidiu que 200 das 1800 garrafas produzidas, e que sairão da empresa a um custo unitário de 45 euros, serão vendidas a personalidades públicas e a receita aplicada em instituições durienses de caridade - D. Antónia foi uma das maiores beneméritas da região no seu tempo.

Com 21 anos de existência, o novo projecto do Vallado regista assim uma nova marca na sua etapa de crescimento e afirmação. No passado recente, dois terços da vinha foram replantados, a gama de produtos aumentou e a produção actual ronda as 500 mil garrafas. Nos próximos anos serão investidos mais 3,5 milhões de euros no crescimento da aposta no enoturismo (mais oito quartos a juntar aos cinco actuais), na construção de uma adega subterrânea. Seguindo a tendência, o Vallado adquiriu recentemente uma quinta no Douro Superior, perto de Castelo Melhor, onde poderá, a prazo, contar com a produção de uma vinha com cerca de 30 hectares.



PAULO RICCA

